

## **RECORTES DA SUBALTERNIZAÇÃO FEMININA EM *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Autora: Ana Caroline Genésio Rodrigues; Coautora: Maria Aparecida Nascimento de Almeida

*Universidade Estadual da Paraíba - karol\_lts@hotmail.com*  
*Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI) – ci.di.nhampb@hotmail.com*

**Resumo:** Conceição Evaristo, renomada escritora brasileira, figura no cenário literário nacional e internacional com proeminentes obras; romances poesias e contos fazem parte da sua produção. Traduzidos em vários idiomas, seus versos e narrativas permitem conhecer a realidade socioeconômica vivenciada por mulheres, pobres e negras, características que as relegam à margem de uma sociedade que se “pretende” democrática, porém impõe, por ações e palavras, limites a serem respeitados pelos seres subalternizados. O tom de denúncia social, empregado pela autora, dialoga com os discursos proferidos pelos (as) companheiros (as) que militam consigo no Movimento Negro, os (as) quais reivindicam respeito e igualdade por questões étnicas, e no caso das mulheres de gênero, uma vez que a inserção em uma sociedade patriarcal impõe desafios constantes ao ser feminino. Destaca-se as “escrevivências” de Conceição Evaristo em *Olhos D’água*, coletânea de contos, na qual a escritora enfatiza o sofrimento de uma coletividade, multiplamente, subalternizada pela misoginia, racismo e preconceito social. O sofrimento, evidenciado no título da obra, é compartilhado pelas protagonistas das narrativas Ana Davenga e Maria, cujos dilemas representam as vivências de inúmeras faces, tendo em vista a observação do ficcional a partir da realidade do Brasil. Verifica-se, por fim, a brevidade da vida de tais personagens, vítimas da banalização da violência, ratificando a proposição de que a arte imita a vida.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo, *Olhos D’água*, Ana Davenga, Maria, Subalternização.

### **INTRODUÇÃO**

Maria da Conceição Evaristo de Brito, romancista, contista e poetisa, nasceu na cidade de Belo Horizonte, em 24 de novembro de 1946, titulou-se Mestre em Literatura Brasileira pela (PUC – Rio) e Doutora em Literatura Comparada pela (Universidade Federal Fluminense), tornou-se uma escritora negra de projeção internacional, com livros traduzidos em vários idiomas.

Mais que representante de uma literatura de autoria feminina, Conceição Evaristo traz arraigado em seus textos o “olhar” da mulher negra, seus eu-líricos e vozes narrativas refletem sobre temáticas diversas, porém evocam a memória ancestral, sob a perspectiva de quem vivenciou ou testemunhou as agruras de ser mulher, afrodescendente e de baixa renda, na dispare conjuntura social brasileira, patriarcalista e segregacionista.

Ressalte-se que em suas obras a autora mineira concede acesso ao “lugar de fala” a narradores cujas vozes, masculinas e femininas, informam acerca da opressão, no entanto critica-se uma sociedade triplamente excludente quando se trata das “cidadãs” brasileiras, assim referendadas na constituição, mas excluídas

socialmente, sobretudo, se apresentarem as características supramencionadas (pobres e negras). Dessa forma, optamos por “denunciar” a marginalização do “ser feminino”, por meio da literatura, uma vez que esta arte, na perspectiva desta discussão, é definida conforme proposição de Moisés (2013, p. 278), em consonância com Thomas Clark Pollock, que a caracteriza como uma forma de expressão capaz de evocar na mente dos leitores experiências idênticas a dos escritores. De forma que Conceição Evaristo em suas escrituras enfatiza o vivido e/ou presenciado.

Conceição Evaristo, tal qual os *griots*<sup>1</sup>, conta a história do seu povo, essa assertiva justifica a recorrência a explanação, de cunho semiótico, proposta por Moisés (2013) ao definir a literatura. Objetiva-se destacar, no presente trabalho, o potencial da literatura enquanto representação de realidades, concepção tratada por Aristóteles desde a Antiguidade Clássica, o qual por meio da compreensão literária, sob o viés mimético, põe em evidência a ficção como recriação do real.

Assim defendemos a hipótese de que as personagens femininas, da obra *Olhos D'água*, foram construídas a partir de experiências próprias e alheias. Tratam-se de seres ficcionais, que a semelhança de sujeitos reais, partilham um destino de infortúnio; motivo pelo qual a narração de suas histórias convoca um levante em prol da conquista de direitos sociais concretos, respeito e valorização da cultura afro-brasileira. De maneira que a escritora, em verso ou prosa, desperta sensações, emoções e sentimentos em um público leitor que se identifica com o sofrimento por sentir-se representando de alguma maneira.

A escritora mineira prega uma literatura de resignificação, como mencionou ao abrir sua comunicação no V Colóquio Mulheres em Letras na Universidade Federal de Minas “ E é assim que eu gostaria de construir a minha literatura, que ela pudesse ser porta-voz das vozes das mulheres negras”. Percebe-se a concretização desse desejo por meio de seus discursos em público, bem como através de suas produções literárias, vinculadas a grupos minoritários, em uma perspectiva de agregar forças em defesa de uma causa, o que se propõe a fazer coletiva ou individualmente.

---

<sup>1</sup> “São trovadores, menestrelis, contadores de histórias e animadores públicos para os quais a disciplina da verdade perde a rigidez, sendo-lhe facultada uma linguagem mais livre. [...] por seu turno emprestando um caráter mítico as áreas narrativas, os griots versam sobre epopeias de heróis desde seu nascimento até a sua morte como gênese de seus povos e suas trajetórias.” (HERNANDEZ, 2005, p. 30)

## 1. “DE QUE COR ERAM OS OLHOS DE MINHA MÃE?”

Vencedor do Prêmio Jabuti, o livro *Olhos D'água* de Conceição Evaristo reúne quinze contos, relativamente curtos, carregados de significados e poeticidade; o conto homônimo é narrado em primeira pessoa enquanto os demais apresentam foco narrativo em terceira pessoa. As personagens que permeiam a contística de *Olhos D'água* são apresentadas no presente, porém a voz narrativa recorre a técnica do *flashback* a fim de informar sobre o passado, ao tempo que projeta perspectivas futuras.

A expressividade da autora é enfatizada por meio de neologismos, criados a partir da hifenização, conforme perceptível através dos vocábulos: “vida-estrada”, “corpo-coração”, “buraco-céu”, “corpo-história”, “alma-menina”, dentre outros que parecem condensar a magnitude dos sentimentos e sensações, pondo em foco a subjetividade. Mãe, filhas, avós, amantes, homens são personagens que ganham voz nos contos, expressando dilemas de diversas ordens: sociais, raciais, sexuais, todos resultantes dos anseios e da vulnerabilidade inerentes aos seres humano.

O questionamento “DE QUE COR ERAM OS OLHOS DE MINHA MÃE?” marca a primeira narrativa. É por meio da imagem poética dos olhos que a personagem revive lembranças do passado, recordações visuais, olfativas, sonoras, também vividas pela mãe, “[...] Às vezes as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância” (EVARISTO, 2016, p.16).

Tais memórias, na maioria das vezes dolorosas, instigam a personagem a decifrar o enigma acerca da cor dos olhos de sua mãe. O conto evidencia especialmente questões sociais, as quais Conceição Evaristo insere, com propriedade, em suas obras, já que para a autora publicar é um ato político.

As memórias da narradora-personagem aproximam-na da sua ancestralidade, representada pela mãe, o que nos leva a destacar, em consonância com Munanga (2012), a existência de fatores que induzem a construção de uma identidade coletiva. Trata-se dos elementos históricos, linguísticos e psicológicos, igualmente importantes para entender e/ou caracterizar a “personalidade cultural”, em *Olhos D'água*, os quais correlacionados contribuem com a busca do “fio condutor que liga a personagem ao seu passado ancestral”.

A “consciência histórica” proporciona a procura pelas raízes culturais da protagonista e o esforço para propagá-la as futuras gerações, haja vista que no conto mãe, filha e neta interligam-se em busca de uma resposta.

Objetiva-se identificar em suas genitoras a cor

dos olhos, caracterizados como “correntes” e “úmidos”, palavras que remetem a fluidez e sugerem lágrimas. Os olhos, tema recorrente em textos literários, sobretudo poéticos, são descritos, como os de Capitu, em Dom Casmurro, “Olhos de ressaca”, ou metaforizam a “janela da alma”, fenda que permite conhecer o interior das personagens e desvendar sentimentos e emoções.

É através da indagação sobre a cor dos olhos, que o leitor percebe as dificuldades na vida da narradora-personagem, quando revive, por exemplo, uma carência básica, a de alimento. “[...] Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento”. (EVARISTO, 2016, p.16)

A linguagem poética torna a descrição mais leve, todavia, não consegue apagar o sofrimento, nela implícito. A obra é densa, permeada por “palavras-siamesas”, marca da escritora, que atribui um tom subjetivo aos seus textos narrativos, como se expressassem as sensações de um eu-lírico. O conto *Olhos D’água* parte do apagamento da memória como *leitmotiv* para evidenciar a dor e o sofrimento compartilhado pela população negra. A primogênita de sete filhos envolvida em suas lembranças passa a questionar-se acerca da coloração dos olhos de sua genitora.

A ausência de respostas, para tal pergunta, leva a protagonista ao martírio, por pensamentos e palavras, como pudera esquecer de detalhes da fisionomia de sua mãe? Aquela que além de concedê-la o dom da vida tornou-se companheira, protetora de todos os momentos, conforme evidencia a voz narrativa, “Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. [...] Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?” (EVARISTO, 2016, 17-18)

O foco narrativo em primeira pessoa atribui ao conto um tom autobiográfico, pois as experiências relatadas não foram observadas, mas vivenciadas e apresentadas por uma voz que insistentemente ressalta aspectos da “afro-brasilidade”, seja por meio da descrição de características físicas, seja a partir das relações culturais. A protagonista compara as lágrimas de sua genitora, incontidas no reencontro, as águas doces de Oxum,

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água.

Águas de mamãe oxum! Rios calmos, mais profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. (EVARISTO, 2006, p. 18-19)

O animismo é uma característica das religiões afro-brasileiras e refere-se a crença de que os elementos naturais, tal qual os humanos, possuem uma essência espiritual. Assim prega-se o respeito e a valorização da natureza. Ancestralidade e memória também são valores africanos e encontram-se relacionados, pois convém recordar do passado. Por isso não recordar a imagem da mãe causa tanta angústia na protagonista.

*Olhos D'água* é uma narrativa que valoriza aspectos culturais africanos, ao tempo que sugere o teor sôfrego dos demais contos, que compõem a coletânea, nos quais são apresentadas personagens que partilham uma vida de infortúnios. Preconceito, violência e exclusão social perpassam as quinze narrativas, no entanto, registra-se a perspectiva de abordagem voltada as questões de gênero, que permeiam determinados contos, como “Beijo na face”.

Ao recordar “[...] Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância” (EVARISTO, 2016, p. 16) ou confessar “[...] Eu escutei quando sussurrando, minha filha falou: - Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos” (EVARISTO, 2016, p. 19), a narradora-personagem, cujo nome não é mencionado, sugere permanência de um histórico de sofrimento.

A elisão do nome da protagonista, indefine a sua identidade individual, entretanto, ressalta sua identificação cultural com os afrodescendentes. De forma que os olhos representam o sofrimento de todos que partilham uma vida de privação e humilhação, porém enfatizamos, se o segregacionismo racial exige que os negros se reafirmem a cada dia, o sexismo impõe inúmeros desafios, as mulheres, os quais são intensificados quando estas são negras.

As personagens femininas de Conceição Evaristo, na obra em questão, representam esses “seres” multiplamente subalternizados, conforme constatado por meio das personagens Ana e Maria.

## **2. QUANTAS ANAS E MARIAS NECESSITAM PARA FAZER CARNAVAL?**

Em entrevista concedida a revista *Carta Capital*, ao ser questionada sobre a demora em publicar os textos de sua autoria, Conceição Evaristo finaliza sua fala dizendo: “Para uma mulher negra ser escritora, é preciso fazer muito carnaval primeiro.” E justifica, devido aos estereótipos a mulher negra ainda sofre com os

rótulos equivocados que instigam uma visão preconceituosa,

Subjugada há anos, as mulheres negras sofrem as consequências da desigualdade racial e de gênero, marcam suas histórias os trabalhos domésticos, desempenhados para os patrões desde a época da escravidão, de onde provém o mito de que as afro-descendentes são boas para as tarefas do lar, advém também o pensamento de que são eficientes para cuidar de crianças; as habilidades no sexo e no samba, também, são atributos referendados. O exposto denota a necessidade de combater esse pensamento retrógrado, pois a ampla disseminação o deixou arraigado no imaginário coletivo do povo brasileiro.

Mulheres como Conceição Evaristo protestam contra as práticas racistas por meio de sua produção literária e exposição pública, salientando o potencial dos negros para ocupar os cargos que almejem, sejam estes de ordem intelectual ou não. A autora é um exemplo, persistente, venceu as dificuldades e firmou-se como renomada profissional no âmbito acadêmico e literário.

No entanto não esquece suas origens e as dificuldades ao longo do caminho trilhado, por isso denuncia, por meio de seus narradores e personagens, o sofrimento de uma população, historicamente, relegada a margem da sociedade. Duas personagens femininas nortearão a análise proposta. Trata-se das protagonistas dos contos: Ana Davenga e Maria, mulheres que são, multiplamente, subalternizadas por questões raciais, econômicas e gênero.

## **2.1 Ana: o peso de um sobrenome**

Marcado pela musicalidade “O toque prenúncio de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem”, e pela subserviência para com o líder, “[...] o barraco de Davenga era uma espécie de quartel-general e ele era o chefe”, o conto Ana Davenga mostra uma relação de liberdade e exílio, típicos de quem vive no mundo do crime. Assim era a vida do casal: Davenga e Ana, sua companheira intocável e respeitada. Narrado em terceira pessoa o conto retrata uma relação de amor e morte, típicos dos romances policiais, onde cada ato é justificado por “um ideal maior”.

Ana, dançarina que encanta com seus movimentos “de corpo de mulher” conquistara o coração do malandro destemido, assaltante respeitado pelo grupo. A princípio a mulher não foi bem aceita pelos companheiros do chefe que temiam a desatenção, tamanha a atração que exercia sobre o líder, ou a deslealdade daquela que estreava na criminalidade.

Porém, Ana surpreendeu, tornou-se uma típica representante das mulheres, cujos

maridos confrontam-se, periodicamente, com as forças policiais. “[...] A polícia já tinha subido o morro e entrado em seu barraco várias vezes” (EVARISTO, 2016, p. 24); vivia com sobras de informações, não questionava nada, obedecia com prontidão, afinal amava aquele homem, e depois daquela “noite primeira” resolveu para sempre estar ao lado do amado.

O samba entoado marca um acontecimento na vida de Ana, que a partir daquele primeiro encontro passou a ser denominada como se pertencesse a Davenga, ela recebera uma festa de aniversário surpresa nunca, antes, vivenciada, que marcaria a morte dos amantes e da “pequena semente, quase sonho ainda” que brotava como esperança em seu ventre.

Mulher, homem e feto foram executados, os corpos nus, deixavam-os ainda mais expostos, “Os noticiários lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morreram ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga.” (EVARISTO, 2016, p. 30),

Poesia e prosa dão o tom final a narrativa, a metáfora da flor que desabrocha, depois do desfecho trágico, propõe uma redenção de Davenga, haja vista que, desta vez, ele não concretizou o gozo-choro. Ana também fora punida pela cumplicidade, pois foi impedida de despertar como mãe. Percebe-se, por fim, como a vida é breve nas escrevivências de Conceição Evaristo, banalizada, esvaindo-se entre os dedos como a água, que pode ser fluente, torrencial ou silenciosa.

## **2.2 Maria: o nome de inúmeras faces**

Maria, apenas, era empregada doméstica, negra e mãe; a típica representante de muitas mulheres, em nosso país, tinha que cuidar sozinha dos três filhos, pois era solteira. O enredo inicia com a espera da personagem por um ônibus após fazer um serviço extra, tinha trabalhado todo o domingo, havia recebido uma gorjeta e sobras do jantar que serviria para sanar algumas necessidades dos filhos menores que estavam doentes.

Tudo seguia normalmente até o ônibus tomado por Maria ser assaltado; por uma infeliz coincidência um dos assaltantes tratava-se do pai de seu primogênito; antes de realizar o assalto, este dirija-se a protagonista revelando discretamente a saudade de Maria e do garoto, o rápido contato com o assaltante foi o suficiente para que Maria fosse acusada de cumplicidade e espancada até a morte.

Maria, nome comum no Brasil,  
representa tantas compatriotas, evidenciando

quão os fatores sociais e raciais instigam o preconceito; as mulheres sentem de forma enfática a discrepância entre os gêneros, pois, por vezes são desrespeitadas, taxadas pela sensualidade, o que relega a segundo plano suas qualidades.

Além de representar os negros e pobres, Maria simboliza as mulheres que têm filhos de pais diferentes, realidade que caracteriza, sobretudo, regiões de maior vulnerabilidade social, logo, territórios onde, marginalizadas, são condenadas a cuidarem sozinhas dos filhos, pois culturalmente, isto é, de responsabilidade das mães.

Outro ponto a ser observado são os chingamentos, que antecedem as agressões, “*Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois*”, a voz insiste, “*Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões*” [grifos da autora] (EVARISTO, 2016, p. 41-42), o teor das agressões comprova o quanto o racismo é cruel.

Maria olhou na direção de onde vinha a voz “[...] viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho” (EVARISTO, 2016, p. 42), constatando que a agressão partia de um de um de seus iguais. É intrigante que o menino ao julgar esquece que enfrenta as mesmas dificuldades, a saber, desfavorecimento e racismo. No entanto, o desejo de sentir-se inserido na sociedade branca leva-o a dirigir ofensas preconceituosas a sua “irmã” de raça.

Tal qual a protagonista do curta metragem *Vida Maria*, que propõe reflexões acerca do analfabetismo como consequência da exclusão social, a personagem Maria espelha as mulheres subalternizadas que precisam batalhar, constantemente, para prover o sustento da família. Se a personagem campesina representa todas as Marias, cujos nomes compostos homenageiam a mãe de Jesus, por meio dos títulos que lhes fora atribuído, a personagem de Conceição Evaristo é, simplesmente Maria, mulher sem sobrenome e descendência conhecida.

O ponto de ônibus é o espaço onde a personagem nos é apresentada, a voz narrativa onisciente informa seus pensamentos, o custo de vida nas grandes cidades, pois o preço da passagem já estava fora da sua realidade, porém o cansaço de um domingo inteiro de trabalho a mantinha ali inerte a esperar pela condução “[...] Ela levava para casa os restos [da festa]. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e a gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora”. (EVARISTO, 2016, n.p.)

A descrição inicial da protagonista informa ao leitor que as condições financeiras da “Maria-urbana” não divergia da “Maria-rural” representada na animação gráfica de Mário Ramos, produzida no ano de 2006. Enquanto aguardava o transporte a personagem divagava, pensava no remédio que compraria para os filhos, gripados, e se questionava, será que as crianças gostariam de melão? Nunca tinham provado a fruta.



Ao acomodar-se na condução a protagonista é abordada pelo pai de seu primogênito, o qual, sussurrando, recomendou “um abraço, um beijo, um carinho no filho” (EVARISTO, 2016, p. 41) antes de sacar a arma, o que fizera quando o comparsa anunciou o assalto. As poucas palavras trocadas com o seu “ex-homem” bastaram para ser acusada de comparsa dos meliantes e ser linchada.

A história bíblica é atualizada por meio dessa tragédia urbana, porém os desfechos são invertidos, pois a mãe é açoitada, abandonada pelos “ladrões” e deixa os filhos aos “descuidados” da humanidade. O motorista tentou intervir a seu favor, no entanto, “[...] Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam no chão. Será que os meninos iriam gostar de melão?” (EVARISTO, 2016, p. 42). As ofensas racistas suscitam o questionamento e ocasionam o espancamento, devido à suspeita de conspiração; a protagonista fora vítima de discriminação.

Apesar das constatações cotidianas o mito de democracia racial, em nosso país, foi arraigado de tal forma que muitos optam por manter uma venda, a fim de não enxergar os “olhos d’água” dos que sofrem com o racismo. A esse respeito Joel Rufino dos Santos (1984, p. 42) adverte:

Convivo com pessoas que ainda crêm na ‘democracia racial’, na ‘cordialidade inata do brasileiro’, e balelas que tais a prestarem um pouco mais de atenção à sua volta: os jornais noticiam, em média dois casos de discriminação racial por mês; e dois casos de tortura por dia. Considerando que os jornais não apanham sequer um centésimo dos casos de fato ocorridos, nenhum brasileiro tem do que se orgulhar nesses aspetos [...].

Contemporâneo de Conceição Evaristo, Joel Rufino dos Santos abordou, no âmbito histórico, o que a autora ficcionalizou. Trata-se de duas formas de refletir acerca da realidade: através de dados e da arte que recria o narrado aumentando sua potencialidade expressiva por permitir, aos segregados socialmente, acesso ao lugar de fala, o que acrescenta aos textos literários um caráter testemunhal; a arte imita a vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conceição Evaristo permeia espaços ficcionais e reais, consolidando um fazer literário pautado nas escrituras de mulher negra, que conhece a realidade econômica dos seres

marginalizados por questões raciais e sociais. O foco nas personagens femininas permite conhecer as experiências de Ana, mulher bela e sensual que aceita viver no mundo da criminalidade, bem como de Maria, pessoa honesta, humilde e batalhadora que é vitimada, sobretudo, pelo preconceito.

Apesar de trilharem caminhos diferentes, já que uma é a “primeira dama” do crime, no espaço do morro, onde se desenrola a narrativa, e a outra é trabalhadora informal, os seres femininos que permeiam os contos da coletânea *Olhos D’água* são punidos por questões que nada têm a ver com a sua conduta social, pois Ana não se envolvia com os assuntos de Davenda e Maria era uma pessoa batalhadora.

O fato de serem negras e pobres relega tais personagens a margem de uma sociedade que pretende branca e tolerante, porém advertimos enquanto a população afrodescendente, e de baixa renda, for tratada com tolerância, as tragédias modernas, ficcionalizadas por Conceição Evaristo, tendem a persistir.

Não é a tolerância que deve pautar a convivência, entre as diversas raças e classes sociais no Brasil, mas o respeito. Caso contrário os textos literários continuarão a recriar a contraditória realidade de um país, descrito oficialmente como democrático e igualitário, já que nesse contexto vida e arte se entrecruzam.

## **REFERÊNCIAS**

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África em sala de aula: visita a história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afro-descendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, jul/out. 2012.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

